

I JORNADA BÍBLICA-TEOLÓGICA - 2001

A ÉTICA DE SÃO TOMÁS DE AQUINO E A BÍBLIA

Marcelo Palma Rezende

Bacharel em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP

Esta monografia foi apresentada em abril de 2001

Orientador: José Miranda Rocha, D.Min.

RESUMO: Tomás de Aquino foi um ícone do pensamento escolástico medieval. Sua filosofia e teologia são a base da ética católica contemporânea, e de muitos países influenciados pela mesma. Este estudo analisa se a ética tomística está em harmonia com as Escrituras. Para tal empreitada, utiliza-se como recurso metodológico, fontes de pesquisa bibliográficas e análise detida de alguns textos de Tomás de Aquino fundamentais para a compreensão de suas idéias. Verifica-se também o conceito tomista da natureza do homem, o qual é preponderante para a compreensão do que Aquino formulou a respeito do comportamento humano, do relacionamento homem e Deus, da origem e propósito das obras humanas e, principalmente, do significado dos seus resultados.

PALAVRAS-CHAVE: Aquino, filosofia, teologia, ética, natureza humana, pensamento grego

The ethics of Saint Thomas Aquina and the Bible

ABSTRACT: Thomas Aquina is an icon of the Medieval Scholastic thought. His philosophy and theology are the basis of the contemporary Catholic ethics, as well as of modern ethical standards of many countries today. This study analyzes the Thomistic ethics in the light of Scriptures. It explores the bibliography on the subject and detains itself in a detailed analysis of some texts that are fundamental for the understanding of Thomas Aquina's thought. It also investigates the Thomistic concept on the nature of man, a basic concept for understanding his ideas about human behavior, the relationship between man and God, the origin and purpose of human deeds, and, above all, the meaning of its results.

KEYWORDS: Aquina, philosophy, theology, ethics, human nature, greek thought.

I JORNADA BÍBLICA-TEOLÓGICA - 2001

A ÉTICA DE SÃO TOMÁS DE AQUINO E A BÍBLIA

Marcelo Palma Rezende

Bacharel em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho

Orientador: José Miranda Rocha, D.Min.

I. INTRODUÇÃO

Tomás de Aquino, grandioso vulto da história universal, influenciou toda uma época com as bases de seu pensamento filosófico e teológico. Imortalizado pela sua magnífica obra intitulada *Summa Teológica* transpôs as barreiras do tempo com suas idéias e lançou os alicerces de sua igreja: a Igreja Católica.

Por que hoje, muitos séculos após sua era de atuação, deveríamos dispensar um trabalho analisando seus conceitos? Qual a atual importância de uma filosofia escolástica medieval em pleno século XX, às vésperas do terceiro milênio?

Em se considerando o nosso país, o Brasil, país altamente católico (e não somente o Brasil mas toda América Latina e conseqüentemente os demais países católicos) , ao constarmos que a filosofia Tomista entreteceu os alicerces aristotélicos da teologia católica e por extensão direta, os seus princípios éticos, estudarmos o conceito moral humano de Tomás de Aquino é analisarmos uma radiografia atual da ética católica, preponderante em nosso país e em muitos outros.

Mas o fato não reside somente nisso. Foi a filosofia e a teologia de Aquino iluminada pelos conceitos da Escritura? Escreveu ele em conformidade com a Bíblia? Há nelas a expressão de aprovação da verdade sagrada? Essa é a questão fundamental que nos propomos a abordar neste trabalho em vista do alcance que tal filosofia atingiu.

Metodologia

Para tal empreitada, utilizaremos como recurso metodológico fontes de pesquisa bibliográficas, análise detida de alguns textos de Tomás de Aquino fundamentais para a compreensão de suas idéias. Analisaremos o conceito tomista da natureza humana que nos levará a uma visão mais aclarada de uma formulação do comportamento humano, do relacionamento homem e Deus, a origem e propósito das obras humanas e, principalmente, o significado dos seus resultados. Estudaremos todos estes aspectos do pensamento escolástico comparando-o com os mesmos temas como abordados pela palavra da Revelação divina e tentaremos averiguar se, de fato, a filosofia tomística tem uma origem superior à mente de seu brilhante expositor medieval.

Não pretendemos ser exaustivos nas considerações sobre este assunto tão vasto em sua essência e muito menos sermos a palavra final dele. Apenas queremos de alguma maneira contribuir para tais questões e, quiçá, estimularmos outros a se enveredar em tal assunto. Nosso "sumo objetivo" é constatar se Tomás de Aquino consegue ser aprovado pelo crivo da Palavra de Deus.

II. TOMISMO

O Cristianismo destacou-se durante estes dois milênios de existência por ser um sistema religioso não isolado do mundo real e de suas inquietantes questões. Muito pelo contrário: o Cristianismo sempre baseou seus ensinamentos numa percepção, ou melhor, numa definição do que é certo e do que é errado na conduta humana, ou o que é consistente nas intenções e realizações do homem, ou seja, o Cristianismo e sua filosofia moral (e isto se aplica a todos os segmentos cristãos) sempre observou e conduziu o comportamento social durante séculos e o faz ainda hoje, em outras palavras, é uma religião ética por excelência.

Através da história secular da intelectualidade humana, os filósofos cristãos sempre contribuíram com sua filosofia moral para o desenvolvimento do pensamento ético - ocidental, chegando até mesmo a dominarem o panorama da moral durante algum período de tempo. Grandes figuras se destacaram neste tempo e uma delas, que foi a figura dominante do pensamento ético, filosófico e teológico na Idade Média foi a de Tomás de Aquino.

Tomás de Aquino (1224 - 1274) nasceu e cresceu na Itália. Teve seus estudos dirigidos por monges beneditinos na infância e mais tarde estudou na Universidade de Nápoles antes de se unir à ordem dos Dominicanos, os pregadores da Igreja Católica. Seus estudos avançados em filosofia e teologia se deram na Universidade de Paris, (famoso núcleo cultural da Europa naquela época e em outras subseqüentes, que viu muitos nomes famosos brilharem), onde recebeu seu doutorado e onde permaneceu como professor ativo por vinte anos, de 1252 até 1272, pouco antes de sua morte.

Após o término de seus estudos na Universidade de Paris, Aquino foi convidado a permanecer ali por mais dois anos, agora como professor. Quando terminam estes dois anos, Aquino regressou para a Itália e passou a lecionar num monastério Dominicano por pouco tempo, pois logo retornou à Paris e lá permaneceu como dono da cátedra por muitos anos como já mencionamos. Por volta de 1272 foi chamado mais uma vez para Itália, quando sua saúde começou a declinar, morrendo em 1274.

Muito daquilo que ele produziu e escreveu em matéria de filosofia moral e teologia cristã - as bases de seu pensamento ético, foi realizado durante o tempo em que trabalhou como professor em Paris (especialmente o segundo período de sua estadia nesta cidade).

Muito do seu trabalho consiste de análises de temas filosóficos e teológicos em forma de disputas e debates em vários tópicos temáticos, onde ele organizava suas obras de modo a responder as objeções de uma questão central que emergia a cada seção temática. Entre suas diversas obras destacam-se *De Anima* (comentários sobre os conceitos aristotélicos da alma humana) e *Summa Contra Gentiles*; mas a maior manifestação do pensamento tomista se encontra na sua famosíssima obra intitulada *Summa Teológica*.

A ética do tomismo

A ética filosófica tomística é vista por muitos como o mais alto exemplo da aproximação da filosofia pagã com a teologia cristã no processo formativo do pensamento cristão. É bem sabido de todos que o modelo ético de Aquino não foi o de Platão, mas sim o de Aristóteles. O tomismo elevou o pensamento aristotélico ao "status" de molde e base da filosofia católica. Tomás de Aquino abraçou a filosofia de Aristóteles mas não somente isso, ele deu uma profunda continuidade à ela. Ele deu processo e seqüência às buscas e descobertas de Aristóteles¹. Entretanto, isso não significa que a ética cristã e a ética

filosófica pagã em Aquino são iguais, mas que o tomismo cristianiza Aristóteles e faz uma revisão dos princípios éticos bíblicos sob a ótica aristotélica. Portanto, para se chegar a um posicionamento ético sobre determinado ponto, era válida tanto a razão, quanto a Revelação².

Em um sentido mais amplo, a ética tomística é teleológica, ou seja, em seu pragmatismo essencial enfatiza o desejo natural dos seres humanos pelo bem perfeito (que se encontra em Deus) como seu último fim, supremo objetivo, para o qual todos os bons atos morais realizados pelo homem se dirigem e são regidos em conformidade com a razão humana³.

A vida perfeita do ser humano na Terra consiste no melhor uso possível de suas capacidades racionais que são o intelecto e a vontade, que controlam os apetites, suas atividades físicas, seus relacionamentos, enfim, todos os aspectos da vida humana. Tudo está debaixo da justa razão humana. Essa justiça racional é a fonte, e como já dissemos, o poder controlador das virtudes humanas.

Essas virtudes do homem foram organizadas por Aquino e desenvolvidas por ele em quatro categorias: *Prudentia* (a prática da sabedoria racional), *Temperantia* (moderação das emoções), *Fortitudo* (coragem ao encarar os problemas) e *Justitia* (desejar e fazer o bem a outras pessoas). Essas quatro virtudes podem ser compartilhadas por todos os homens devido ao seu "status" de seres racionais. A essa altura podemos nos perguntar: se essas virtudes são naturais e inerentes ao homem devido à sua racionalidade, qual é o papel do poder transformador do Evangelho, e como ele atua frente à isso?

Obviamente Aquino não descarta a ação divina e nem reduz sua ética apenas ao nível humano. Ele apresenta aquilo que complementa e adiciona um elemento novo a essas quatro virtudes naturais: as virtudes transmitidas pela graça supernatural. Essas virtudes são fé, esperança e caridade. São conhecidas como virtudes teológicas e elas não contradizem e nem se contrapõem às virtudes naturais (também conhecidas como virtudes cardinais), não realizam nenhuma mudança nelas, apenas lançam uma "divina luz" aos atos humanos.

A fé atua no sentido de direcionar o intelecto humano à realidade divina das coisas que deve crer. A esperança dirige a vontade, as intenções do homem para os princípios divinos. E por último, a caridade é a união espiritual de tudo aquilo que a vontade humana é e deseja, direcionado para o bem comum.

Mas esse esquema de divisão das virtudes naturais e supernaturais não se atém apenas às virtudes, mas também a algo mais amplo que é fundamental em Aquino: a Lei. Esse é um dos pontos principais do seu pensamento ético. A necessidade pela Lei, particularmente pela Lei baseada na Teologia para governar as atividades humanas é central, nos escritos éticos de Aquino.

A compreensão da Lei

O tomismo apresenta quatro níveis de Lei. A Lei que ocupa a mais alta posição, o mais alto grau na hierarquia, é a Lei eterna, ou divina, que é encontrada na sabedoria de Deus. Esta Lei se refere ao pensamento de Deus de como as coisas deveriam e poderiam ser no Mundo. Este é o Plano que existe na mente de Deus e é o "guarda-chuva" sobre todos os outros tipos de Lei. Os outros tipos de Lei refletem as diferentes maneiras de como a Lei eterna de Deus pode ser revelada.

O segundo tipo de Lei é a chamada Lei Natural. Esse tipo de Lei é baseado na tendência natural das coisas. Uma tendência é tida como um "equipamento" ou "suplemento" no corpo e na mente que tem sido dado à pessoa por Deus. A Lei Natural

pode referir-se aos princípios gerais da moral, tais como justiça, bondade, e respeito pelas pessoas, e refere-se também às prescrições morais específicas tais como as proibições impostas pela Igreja Católica quanto ao uso de contraceptivos e outros métodos de reprodução tecnológicas⁴. A Lei Natural é a parte da Lei divina que pode ser conhecida e assimilada pelo homem racional. É uma subdivisão parcial da Lei de Deus que se encontra no mundo natural à disposição humana.

Aquino classificou o terceiro nível da Lei como sendo a Lei humana ou a Lei Positiva. Esta Lei se refere à Lei feita pelos homens incluindo as leis civis e criminais. Essa é a Lei que encontramos nos tribunais e que rege a sociedade. A Lei humana só pode sujeitar a consciência racional do homem se ela estiver em total acordo com os princípios da Lei Natural, ou seja, a Lei Positiva constitui o uso racional que o homem faz da Lei Natural, que é por sua vez uma extensão da Lei divina captada pelo homem.

A última subdivisão que Aquino apresenta da Lei é a Lei Eclesiástica, a Lei da Igreja. Essa Lei se divide em duas partes. A velha Lei, que inclui os Dez Mandamentos, e os códigos legais baseados na sua interpretação, encontrados no Antigo Testamento, e a nova Lei vinda do Novo Testamento que inclui as advertências, os conselhos e exortações dos Evangelhos. Os Dez Mandamentos contém os preceitos morais e cerimoniais e cobre toda a razão judicial evidenciada pelas seções casuísticas do código do Pentateuco.

A parte moral dos Dez Mandamentos, naturalmente segue a Lei natural e está sujeita a ela sendo portanto obrigatória a todos os homens. Os aspectos cerimoniais do Decálogo, contudo, são primariamente para todos aqueles que estão inseridos na comunidade da fé, ou seja, a Igreja. Igualmente a nova Lei contém ambos os preceitos obrigatórios que são as virtudes que mencionamos antes, a saber, as virtudes teológicas da fé, esperança e caridade que são obrigatórias a todos os cristãos crentes, e os conselhos de perfeição que são seguidos por todos aqueles que são chamados a mais rigorosa obediência e devoção ao Evangelho. Esses conselhos de perfeição incluem pobreza, castidade e obediência.

Tomás de Aquino fundamentou dessa forma uma visão racional e legal de todos os atos humanos no relacionamento do homem para com Deus, da ação na revelação divina na esfera humana e, também justificou e solidificou as bases das instituições e hierarquias do Catolicismo Romano.

Essa teoria dos quatro níveis de Lei pode ser, por fim, entendida da seguinte maneira: a Lei Eterna é a norma da Lei Natural, assim como a Lei Natural é a norma da Lei Positiva ou Humana, que por sua vez é sujeita à Lei da Igreja, pois essa detém os preceitos inteligíveis da Lei Natural, ou pelo menos alguns dos mais vitais e imprescindíveis para a sociedade.

Essa visão que Aquino tem da Lei resulta inevitavelmente numa compreensão ética da sociedade e, por conseguinte do ser humano em si. Aquino viu os seres humanos essencialmente como seres sociais e chegou à conclusão de que mesmo se a queda não houvesse ocorrido, governos e estados existiriam, pois isso é um conceito organizacional inerente a todo ser humano. Portanto, essa idéia da necessidade de uma organização estatal para a vida comum da sociedade leva Aquino a concluir que o Estado tenha a função de intervir e dessa forma aperfeiçoar a vida social.

Todavia, isso não nos leva a uma forma medieval de socialismo - Tomás de Aquino via a sociedade através das lentes da harmonia, mas tinha uma visão estática da ordem social onde as pessoas teriam os seus lugares na sociedade ditados essencialmente pela natureza (Lei Natural), portanto ele limita severamente a mobilidade das camadas sociais,

mas promove um grande ideal de ordem. Isso é mais facilmente compreendido quando consideramos também o contexto sócio-econômico do feudalismo em que Tomás viveu. Para ele a sociedade humana é vista como um organismo onde cada parte funciona em harmonia. Este modelo orgânico de sociedade aparece constantemente nas encíclicas católicas que tratam da missão social da igreja.

Portanto, seguindo o pensamento do "Doutor Angélico", uma das grandes realidades no mundo é a existência de uma inclinação inata dos seres humanos para viverem juntos em sociedade, e a maneira como os seres humanos congregam suas relações sociais revela toda a perfeição do plano original da criação.

Mas Aquino não via o Estado, na realidade pós-queda como o fim último da sociedade ou como a maior fonte de poder nela. Existia algo maior: a Igreja. Para defender essa idéia ele se apodera da famosa teoria das duas espadas que dizia haver a espada do poder religioso, que ficava obviamente nas mãos da Igreja, e a espada do poder civil, que ficava nas mãos do Estado, mas que era controlada pela função "salvífica" e "divina" da Igreja.

Dessa maneira, a Igreja é a autoridade máxima e o poder supremo no mundo, é o fim último na sociedade aliada ao poder divino. As implicações dessa conclusão da autoridade da Igreja, e o seu papel frente aos quatro níveis da Lei serão discutidas mais adiante.

Mas voltando a compreensão da vida humana social, Tomás de Aquino dizia que tal vida em sociedade só era possível, pois era baseada na natureza humana como sendo a "imagem de Deus" (neste ponto Aquino diverge fortemente de Agostinho que via a sociedade como um poder que restringia a natureza humana pecaminosa). Na visão tomística, as instituições sociais existem para desenvolverem o bem nas pessoas. Neste ponto para compreender a ética social e a ética cristã em Tomás de Aquino, é fundamental nos determos um pouco na sua compreensão de quem é o homem, qual o seu relacionamento com Deus e qual o papel da revelação divina no homem. Haja vista toda a sua visão da sociedade e de relacionamentos sociais, como já vimos, estar fundamentada no seu conceito da imagem de Deus no homem.

III. A NATUREZA HUMANA VISTA PELO TOMISMO

No capítulo anterior encerramos nossas considerações ressaltando a importância da compreensão tomística do homem, para entendermos os conceitos do seu pensamento ético. Em Tomás de Aquino vemos todos os princípios aristotélicos da dicotomia entre corpo e alma, entre a realidade material contrária, ou melhor, totalmente oposta à realidade espiritual. Para Tomás de Aquino o homem é um ser essencialmente racional e toda a sua esfera de atividades se processam no âmbito da razão.

Acima da vida sensitiva encontra-se no homem um grau superior de vida: a vida intelectual. Essa vida se divide em duas grandes correntes de atividades: a de conhecimento e a de apetência, às quais correspondem respectivamente às duas grandes faculdades espirituais, a inteligência e a vontade. Iremos neste capítulo tratar destas questões e abordaremos a compreensão tomística da natureza humana e o conceito de alma.

O Intelecto Racional

Com a vida racional, ou intelectual do homem abordamos o que para Tomás era a essência da própria vida humana: "a operação própria do homem, enquanto homem, é fazer ato de inteligência"⁵ (Tomás de Aquino).

Analisaremos a realidade deste fato comparando (de acordo com Aquino) o conhecimento intelectual (do próprio homem) com o conhecimento sensível (comum ao animal e ao homem).

Em primeiro lugar é preciso dizer que, de acordo com o "Doutor Angélico", a inteligência tem como objetivo o amplo, aquilo que é geral, universal, enquanto o sentido age apenas no particular, no singular, ou seja, o que vejo com os meus olhos é esta planta determinada, particular, mas com minha inteligência, porém, começa a formar a noção geral da planta - que tipo de planta é, a qual grupo pertence, qual sua função, etc. Em segundo lugar a inteligência capta objetos não sensíveis como a idéia da verdade, ou a de Deus, enquanto o sentido não pode ultrapassar a percepção daquilo que é físico, corporal. a inteligência, além disso, é uma faculdade que pode, por reflexão, tomar consciência de si mesma e de sua atividade, ela pode metodizar seu funcionamento e pode, se quiser, até mesmo neutralizar sua função. Isso não ocorre com os sentidos, pelo menos no mesmo grau e nível. Outro fato é que o intelecto pode agir de acordo com a sua escolha, sem seguir regras pré-fixadas (a não ser que ele mesmo as tenha fixado antes), ao passo que uma atividade originada nos sentidos físicos é naturalmente determinada (Por isso as andorinhas sempre constroem seus ninhos da mesma maneira).

Tomás de Aquino fundamenta essas diferenças no fato de que a inteligência é a faculdade do ser que penetra na própria essência das coisas, enquanto os sentidos ficam nas particularidades exteriores. E é pela maneira como o homem controla sua atividade mental que ele é chamado de "ser racional", "animal racional".

Inteligência

Mesmo tomando Aristóteles como base e ponto de partida para sua discussão, Aquino não se limita ao Estagirita, mas expande suas idéias e aprofunda seu pensamento. Para Tomás a primeira idéia que se pode fazer do conhecimento é a de abertura de um ser em relação aos outros. Ao abrirmos os olhos vemos todo um conjunto de objetos externos que se põe em comunhão conosco, objetos que podemos analisar e elevar do seu simples estado de objetos para realidades superiores essenciais. Isso é feito pela inteligência, inteligência que é a fonte do conhecimento e que por vezes se mescla e se confunde com ele. Essa inteligência é uma realidade espiritual, pois ela encontra a sua sede e origem na alma humana.

Com a inteligência o homem transcende seu status de ser, de criatura limitada e alça vôos até ao infinito podendo "chegar" até Deus e conhecê-lo. Isso nos leva à questão (como levou Aquino também): é possível ver Deus? E a resposta escolástica é: a inteligência humana é, pois ela está aberta às realidades do infinito e do metafísico. Há no homem um desejo natural de conhecer a causa quando ele analisa o efeito conhecido. Desta forma o homem lança sua inteligência para investigar e saber dAquele que é a causa de todas as coisas pois há no homem, de acordo com Tomás, o desejo inerente de conhecer Deus. A revelação divina, portanto, não é algo transcendente que vem de Deus para o homem, muito pelo contrário, a revelação divina só é eficaz e produz efeito se o homem, por meio do conhecimento inteligente, direcionar-se a Deus para receber e racionalizar tal revelação.

Neste aspecto reside a imagem de Deus no homem, na natureza intelectual, pois o homem é a imagem do máximo grau de inteligência, e, portanto, a natureza intelectual de Deus pode ser imitada⁶. No raciocínio intelectual do homem está a imagem divina.

A Alma Humana

Como todos os doutores cristãos, Tomás possuía pela revelação, uma doutrina da Alma espiritual e imortal que se lhe impunha. Assim, não se deve surpreender-se ao vê-lo dar às idéias de autores precedentes, de acordo com esta doutrina, um sentido ao mesmo tempo espiritualista e personalista: a alma humana é forma do corpo, mas tem a mais uma substância espiritual em cada indivíduo e é incorruptível. A alma humana é imortal e incorruptível e nela está a sede de toda razão e conhecimento do homem.

Para provar a imortalidade da alma humana, Aquino utiliza um argumento interessante: o homem deseja a imortalidade, não quer a morte, existe em cada ser humano o desejo de uma existência perpétua e isso é prova de que algo no homem existe que não morre, que é exatamente eterno e que passa esse desejo da imortalidade para toda natureza humana, e esse elemento imortal é a alma, ou a substância intelectual (a outra denominação tomística da alma).

Tomás afirma ainda que pela morte, quando a alma se separa do corpo, o homem pensa e raciocina do modo angélico⁷, ou seja, vive uma esfera de vida angelical.

É na alma racional e inteligente que se encontra a Imagem de Deus no homem - a alma humana é a Imagem de Deus⁸ - é intelectual como Ele é e é eterna como Ele é. Em toda natureza e nos animais não existe a noção de Imagem divina, apenas vestígios, mas essa Imagem encontra sua máxima expressão no elemento espiritual e racional da alma do homem.

Por isso o homem sendo um ser racional e tendo essa racionalidade expressa na Imagem divina em sua alma, pode viver (e deseja) em sociedade, desenvolvendo nessa comunhão social e ética com os outros, todas as suas virtudes cardinais e esforçando-se para alcançar as virtudes teológicas, vivendo assim de acordo com a Lei divina, e podendo, por meio de sua alma racional, ter uma visão beatífica de Deus.⁹

IV. A ÉTICA TOMÍSTICA E A SEXUALIDADE HUMANA

Abriremos agora uma lacuna em nosso estudo para considerar uma das áreas do Catolicismo Romano que sofreu forte influência do pensamento ético-filosófico de Tomás de Aquino: a compreensão da sexualidade humana.

Os argumentos expostos por Aquino ao lidar com este fato são de tão grande importância, que até a Igreja se baseia neles para justificar sua conduta com relação ao sexo na vida do homem. Em Tomás de Aquino não vemos, ao contrário do que temos analisado até aqui, nada de novo com relação à sexualidade humana, antes vemos todo o machismo, o preconceito, a limitação e o desprezo que o catolicismo vota ao sexo.

Tomás de Aquino ecoa vozes antigas, mas não somente ecoa, por vezes as intensifica para esclarecer seu pensamento e para atacar aquilo que ele considerava de mais nocivo no sexo: mulher e prazer.

Na visão de Aquino (e na da muitos pensadores que foram antes dele e que vieram depois) a mulher não passava de um erro da natureza, era uma espécie de aborto, pois toda mulher era um homem que deu errado, um homem defeituoso. Isso devido uma razão

básica e natural: aquele que gera deve gerar sempre algo a sua semelhança (assim como Deus fez) por isso o sêmen do homem deveria sempre gerar homens e não mulheres, mas devido a um erro natural o desastre acontecia.

Aquino chegou até a teorizar cientificamente essa idéia dizendo que o vento sul úmido tem mais água e é esse vento que ajuda na constituição das mulheres e devido à elas terem mais água têm uma tendência maior de se entregarem ao sexo e seus prazeres, mas isso não se dá com o homem que é sempre constituído pelo bom vento do norte que sempre estimula a força e as boas virtudes¹⁰.

As mulheres são classificadas como tendo o nível e o poder mental das crianças e dos doentes mentais, não podendo nunca, sob hipótese alguma, tomar decisões sobre questões importantes, ou exercer algum tipo de responsabilidade.

Apropriando-se sempre de Aristóteles, Aquino ganha mais força no seu ódio contra as mulheres quando é respaldado pelo Estagirita ao dizer que na concepção de um filho quem gera nunca é a mulher, mas sim o homem, sendo que a mulher apenas concebe (ou seja, recebe em si a semente vivificante do marido).

Ao se deparar com o texto bíblico de Gênesis 2:20 onde diz que a mulher foi criada por Deus para ser uma "Auxiliadora" do homem, Aquino rejeita ver neste verso uma declaração de igualdade entre os sexos, antes explica que a qualidade de auxílio dada por Deus à mulher refere-se somente ao ato de procriação com o homem, que não poderia procriar sozinho.

Mas mesmo sendo a mulher algo tão inútil e desprezível para Aquino, em sua visão, o casamento era indissolúvel. Para confirmar isso oferece duas razões básicas: A mulher sozinha não possui capacidade intelectual para educar os seus filhos, pois toda intelectualidade reside na mente racional do homem e a ele cabe a educação dos filhos, outra razão apresentada é que o homem é o governador da mulher, está sempre sobre ela e ela não pode viver, existir, sem um governador que a dirija.

O pensamento aristotélico também impulsiona Tomás em sua repulsa ao prazer sexual. Ele dizia que "o prazer sexual bloqueia por completo o uso da razão", "sufoca a razão" e "absorve a mente"¹¹. O sexo acaba com o vigor mental!

Ele descrevia o prazer sexual e o sexo com as seguintes palavras: imundície, mancha, porcaria, torpeza e desonra. E Aquino o classifica assim para definir melhor a castidade como a mais bela das virtudes.

O casamento e o sexo são desculpados e permitidos, pois o casamento é um sacramento da Igreja, ou seja, recebe-se o perdão por meio dele por se praticar o sexo, mas dentro do casamento o sexo só pode ter duas finalidades: a reprodução como o maior de todos os objetivos, e a função de evitar o adultério entre o casal (se bem que o marido pode adular com a própria esposa se for um amante muito caloroso dela!)? O casamento só existe para que haja filhos no mundo. E não nos devemos admirar ao vermos que o Concílio do Vaticano II declarou que "muitas vezes a fidelidade pode entrar em crise, quando o número de filhos - pelo menos temporariamente - não puder ser aumentado" e nenhuma "solução imoral" (métodos anticoncepcionais) pode ser empregada¹².

Para abrilhantar mais ainda seu raciocínio filosófico-especulativo, Aquino chega a calcular uma proporção da recompensa celestial a ser dada à humanidade levando o sexo em conta - 100% de recompensa para as virgens e os castos, 60% para os viúvos e 30% para os casados. Tudo em nome do celibato!

E, finalmente, para garantir o cunho lógico de suas argumentações, Aquino diz que tudo o que existe na natureza deve ser mais completo e perfeito no homem; ora, os animais

só realizam o coito para efetuarem a procriação, não deveria ser assim com o homem, que pode decidir isso pela razão e não pelo instinto?

V. O TOMISMO À LUZ DA PALAVRA DE DEUS

Tudo o que vemos e estudamos sobre o tomismo nos deixou claro que este conceito filosófico e o pensamento ético que dele emerge não passam de uma falácia, uma astuta manobra do pensamento humano para se glorificar acima do próprio Deus.

O “Doutor Angélico”, mesmo recebendo este título, não demonstra em sua retórica nenhuma veracidade ou fidelidade aos ditames da Palavra de Deus que seriam característicos de um legítimo portador deste título.

Tomás de Aquino, em seus escritos, estava mais preocupado em ser agradável à razão e elevar o poder da Igreja (fazendo-a comandar racionalmente sobre todos os homens) do que em espelhar e transmitir o claro ensino das Escrituras. O erro do tomismo já se manifesta na teoria proposta das virtudes cardinais e teológicas e da graça supernatural. Essa idéia não mostra o homem como sendo a criatura caída e separada de Deus que é, mas como sendo essencialmente bom, portanto, a graça divina é algo imposto sobre ele, algo que ele não pode desejar e que não o transforma totalmente pois não modifica seu estado de pecador, apenas o possibilita de alcançar um complemento superior àquilo que ele é através de seus esforços mesmo, tornando-se uma "perfeição superimposta"¹³ sobre os seres humanos.

Outro deslize gravíssimo cometido por Tomás de Aquino foi sua divisão de quatro níveis da Lei: a Lei divina, para ele, constitui apenas a sabedoria de Deus e não é encontrada nos Dez Mandamentos que perdem sua classificação de eternos. Aquino rebaixa o Decálogo à qualidade de subdivisão da Lei da Igreja e o contrapõe diretamente com o Novo Testamento ao afirmar que nele existe "a Nova Lei". Sendo assim a Igreja tem toda autoridade de portadora e expedidora da Lei do Decálogo, podendo alterá-la quando e como desejar, pois tem autoridade sobre ela.

Outro fato com respeito aos Dez Mandamentos é que Aquino os sujeita ao que ele chama de Lei Natural que é, por definição dele, a parte da Lei eterna que é assimilada pelo homem, mas é sujeita à Igreja pois ela detém os preceitos inteligíveis da Lei Natural, assim sendo, vemos mais uma vez e de maneira indireta, os mandamentos da verdadeira Lei de Deus, sujeitos ao bel prazer da Igreja. Igreja essa que é totalizada pelos conceitos ético-sociais de Aquino que vê nela a mãe absolutista de todos os homens do mundo e que devem sujeitar-se aos seus reclamos, sejam príncipes ou não, para se possível for, por meio de suas obras meritórias, ofertarem algo que agrade ao clero e obtenham dessa forma a salvação.

Aquino só parece consistente em uma coisa quando trata dos níveis da Lei : a Lei Humana ou Positiva deve ser sujeita, ou melhor, seguir os princípios vitais que Deus colocou na natureza, para poder ser justa e ter coercitividade sobre os homens. Sabemos que mesmo a natureza tendo sido afetada pelo pecado ainda mostra um pouco do plano original de Deus. Vemos que na natureza existe um conceito de "respeito à vida e a propriedade", um conceito de valorização do ser (um conceito que inconscientemente existe nos homens, pelo menos na maioria deles, pois todos desejamos isso para nós mesmos). A Lei Humana só pode exercer sua função de lei, se obedecer a esse fluxo autopreservador que a natureza segue.

O tomismo se mostra, mais uma vez insustentável, quando trata dos aspectos da natureza humana. Abeberando-se da falsa dicotomia aristotélica entre alma e corpo, Aquino fecha os olhos decididamente frente à visão bíblica holística da natureza humana. A leitura mais superficial de textos como Gênesis 2:7 e Eclesiastes 9: 5 e 6 nos ensinam duas grandes verdades: que o homem não possui uma alma toda suficiente e fantasmagórica dentro dele, mas que ele assim, vivo como é uma "alma vivente" - não possui, é! E mesmo quando morre não existe sabedoria, nem conhecimento no túmulo.

A visão reducionista e grega que Tomás manifesta da Imagem de Deus no homem é algo a se espantar: somente na alma e no raciocínio lógico está a semelhança com Deus. Isso é um absurdo e é fugir completamente ao relato da criação que diz ser o homem todo - corpo, mente e espírito, a Imagem de Deus, e não somente o macho, mas a fêmea também, pois ambos são chamados a Imagem de Deus e ambos são elevados ao nível de igualdade sendo chamados até pelo mesmo nome - Gênesis 1:27 e 5: 2.

Logo, isso nos leva a questionar a ética da sexualidade que Aquino apresenta e defende e só mostra o desprezo e ódio celibatário às mulheres e ao prazer. Será que Deus ao criar a mulher e o sexo, os fez visando o mal ou produzir algo ruim? Aquino mesmo não diz que quem gera sempre algo à sua semelhança para que possa ser perfeito o que foi gerado? A mulher também não foi feita por Deus? Mas Deus ao criar no Éden um casal com características sexuais claras ("macho e fêmea"), teria Ele feito algo errado? É óbvio que não, mas essa desgraça do pensamento tomista, e conseqüentemente católico (até aos nossos dias) existe porque não está assentado nas bases sólidas das Escrituras e sim em conjecturações de celibatários (que nada deveriam opinar sobre as bênçãos do sexo no casamento), e em princípios sincretistas e dicotômicos da filosofia grega pagã, completamente alheios à Bíblia.

Sim, dessa forma poderíamos classificar a ética tomística como um esforço inútil e impossível de conciliar a Palavra de Deus com pensamentos humanos, nem que para isso seja necessário reduzir e quase anular o valor da primeira.

E por fim, o Tomismo se mostra recusável mais uma vez quando aborda a questão da revelação divina. O Deus de Tomás de Aquino é etéreo e estático (e esse é o Deus da Igreja Católica) cabendo ao homem a iniciativa de obter e decifrar a verdade divina revelada através de sua razão. Como aceitar isso quando vemos na Bíblia, por exemplo, o caso de um Daniel e de outros profetas que mesmo sendo tidos por homens sábios, não conseguiram muitas vezes compreender o significado daquilo que Deus lhes revelava?

Nisso está o âmago do erro do tomismo e do catolicismo subseqüentemente, em creditar muito ao homem e pouco para Deus. Em anular a graça, e enfatizar em demasia a capacidade de auto-suficiência das obras humanas de alcançar a Deus e a salvação.

O tomismo e sua ética são pensamentos vãos que vem do homem, que tem sua triste origem nele e que para ele voltará vazio.

VI. CONCLUSÃO

Quando vemos na Bíblia o exemplo do apóstolo Paulo registrado em Atos 17: 16-31 vemos que os Areópagos que o mundo tem estabelecido para discutir as verdades divinas têm mostrado cada vez mais um "Deus mais desconhecido" ainda.

O próprio apóstolo neste incidente viu que o pensamento filosófico dos gregos não era eficaz e conciliável para o anúncio do Evangelho para o mundo e desistiu da idéia de

tentar unir esses dois extremos passando depois a anunciar somente a Cristo "escândalo para judeus e loucura para gentios" I Coríntios 1:23.

Não somente Tomás de Aquino, mas todos os pensadores cristãos fizeram o cristianismo original perder sua meta no mundo quando infiltraram no meio de suas doutrinas os pensamentos e sabedoria dos homens que nem ao menos conheciam a Deus. O cristianismo erra ainda hoje tolerando esses falsos "postulados à razão" no seu seio - eles obliteram a luz da verdade de Cristo.

Tomara que um número maior de pessoas e segmentos cristãos possa virar as costas àquilo que parece tão lógico e racional ao mundo e se voltarem para o manso Jesus de Nazaré e do seu Evangelho puro e de sua Lei Eterna, expressa nos Dez Mandamentos. Assim, obterão a guia e o comportamento ético subsistente para as suas vidas, pois "a sabedoria deste século" e "a dos poderosos desta época, se reduzem a nada" (I Coríntios 2: 6.).

VII. REFERÊNCIAS

1. Philip S. Keane, Christian ethics and Imagination (Nova Iorque: Paulist Press, n/d), p.24
2. Paul Lehmann, La Ética En El Contexto Cristiano, Montevideo, Uruguay (Editorial Alla), p. 272.
3. The Westminster Dictionary of Christian Ethics, editado por James Childress e John Macquarrie, Philadelphia (The Westminster Press) 1986, p. 623.
4. Scott B. Rai, Moral Choices Introduction To Ethics, p.45,(Zondervan Publishing House), 1995, EUA.
5. H. D. Gardeil, Iniciação à filosofia de Tomás de Aquino , (editora Duas Cidades) .p.77
6. H. D. Gardeil, Iniciação à Filosofia de Tomás de Aquino , (Editora Duas Cidades) p. 233
7. H. D. Gardeil, Iniciação à Filosofia de Tomás de Aquino,(Editora Duas Cidades) p. 175
8. Tomás de Aquino, Summa Teológica, Primeira Parte, (Indústria Gráfica Siqueira),São Paulo, 1943.
9. Paul Lehmann, La Ética En El Contexto do Cristianismo, Montevideo, Uruguay, (Editorial Alla), p. 272.
10. Uta Ranke Heinemann, Eunucos pelo Reino de Deus, (Editora Rosa dos Ventos)1988 p.p. 201 –202
11. Uta Ranke Heinemann, Eunucos Pelo Reino de Deus, (Editora Rosa dos Ventos) 1988 p. 205
12. Idem, p. 211
13. Gustavo Gutiérrez, A Theology of Liberation, New York (Orbis Books) p. 43

VIII. BIBLIOGRAFIA

AQUINO, Tomás de, *Summa Teológica Primeira Parte*, Indústria Gráfica Siqueira, São Paulo, 1943.

GARDEIL, H.D., *Iniciação à Filosofia de Tomás de Aquino*, Editora Duas Cidades, 1967.

GUTIÉRREZ, Gustavo, *A Theology of Liberation*, Orbis Books, 1988, New York, EUA.

HEINEMANN, Uta Ranke, *Eunucos Pelo Reino de Deus, Mulheres Sexualidade e a Igreja Católica*, Editora Rosa dos Tempos, 2a Edição, 1996.

LEHMANM, Paul L., *La Ética En El Contexto Cristiano*, Editorial Alla, Montevideo, Uruguay.

MACQUARRIE, John , e James F. Childres, *The Westminster Dictionary of Christian Ethics*, The Westminster Press, Philadelphia, 1986, EUA.

RAI, Scott B., *Moral Choices and Introduction to Ethics*, Zondervan Publishing House, 1995.